

# CIACT/SAD 09

(GT5 – Livro: expansões e tecnodiversidade)

## A expansão material em periódicos literários de vanguarda em Minas Gerais

Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG)

### Resumo

Neste trabalho, a partir de uma seleção prévia de periódicos literários de vanguarda publicados em Minas Gerais entre as décadas de 1920 e 1970, vinculados tanto às vanguardas históricas quanto às neovanguardas, abordaremos aqueles que, além de apresentarem experimentalismo verbal/visual por meio gráfico, tenham seus próprios constituintes materiais (como o papel e seu respectivo acabamento) tratados experimentalmente. Nesse sentido, destacamos *Vereda* (Belo Horizonte, 1964–1966), que abandona a materialidade livresca em favor de uma abordagem próxima à de vitrines e cartazes; e *Primeiro Caderno Mostra* (Oliveira, 1965), que encena o jogo de ocultamento/revelação na composição e manipulação da capa. Sugerimos que a experimentação gráfica e material dessas publicações nos permite pensá-las como **periódicos expandidos**, já que ampliam a própria conceituação do gênero editorial em que se inserem. Ao examinarmos os tensionamentos materiais, críticos e conceituais dessas obras, buscamos (re)situá-las historicamente e prospectivamente, vislumbrando abordagens renovadas para a análise, apreciação e produção desses objetos editoriais.

Palavras-chave: Periódicos expandidos; Vanguardas; Materialidade; Edição.

### Abstract

*In this work, based on a preselection of avant-garde literary periodicals published in Minas Gerais between the 1920s and 1970s, associated with both historical and neo-avant-garde tendencies, we will focus on those that not only showcase verbal/visual experimentalism through graphic means, but also experiment with their material components, such as paper and finish. Notably, Vereda (Belo Horizonte, 1964–1966) shifts from bookish materiality to an approach resembling shop windows and posters. Similarly, Primeiro Caderno Mostra (Oliveira, 1965) stages the game of concealment/revelation in the layout and manipulation of its cover. We suggest that the graphic and material experimentation of these publications allows us to think of them as **expanded periodicals**, since they broaden the very concept of their editorial genre. By examining the material, critical and conceptual tensions of these works, we seek to (re)situate them historically and prospectively, envisioning renewed approaches to the analysis, appreciation and production of these editorial objects.*

*Keywords:* Expanded periodicals; Avant-garde; Materiality; Publishing.

# CIACT/SAD 09

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Neste trabalho, a partir de uma seleção prévia de periódicos literários de vanguarda publicados em Minas Gerais entre as décadas de 1920 e 1970, vinculados tanto às vanguardas históricas quanto às neovanguardas (GONÇALVES, 2022), enfocaremos aqueles cuja edição, além de apresentar experimentalismo verbal/visual no projeto gráfico e diagramação, envolve o tratamento experimental de seus próprios constituintes materiais. São eles: *Vereda* (Belo Horizonte, 1963–1966) e *Primeiro Caderno Mostra* (Oliveira, 1965).

Indagando-nos sobre os tensionamentos materiais, críticos e conceituais dessas obras, visamos, ao examiná-las, (re)situá-las historicamente e prospectivamente, entrevendo abordagens renovadas para a análise, apreciação e produção desses objetos editoriais. Para tanto, em um primeiro momento, fundamentaremos os critérios de que nos servimos para a definição de periódicos, abordando, também, sua relação com os livros. Em seguida, buscaremos situar o conceito de vanguarda para, então, discutirmos como a perspectiva vanguardista favoreceu a expansão material e discursiva de diferentes objetos editoriais. Estabelecidos tais parâmetros, analisaremos aspectos da edição de *Vereda* e *Primeiro Caderno Mostra*, tanto individualmente, quanto, em um segundo momento, comparando ambas publicações entre si. Por fim, apresentaremos um extrato de nossas reflexões, trazendo-as ao tempo presente na tentativa de melhor compreendê-lo e, também, buscando vislumbrar com maior nitidez possíveis encaminhamentos para as questões discutidas.

## SOBRE LIVROS E PERIÓDICOS

Embora o objeto do presente estudo sejam os periódicos, para melhor situá-los, julgamos importante determo-nos, também, sobre os livros. Afinal, historicamente, esses precedem os periódicos, e, além disso, se ambos se diferem mais nitidamente quanto à discursividade que

---

<sup>1</sup> Parte das considerações presentes neste artigo, em diferente configuração, foi previamente publicada em minha tese de doutorado (GONÇALVES, 2022).

# CIACT/SAD 09

encerram, suas diferenças materiais são mais elusivas. Assim, para iniciarmos a discussão, valemo-nos do que expusemos em trabalho anterior, cujo ponto de partida era similar:

Ana Elisa Ribeiro (2012) [...] elenca, compara e contrasta as várias definições de “livro” segundo uma seleção de instituições e especialistas. Ao nos determos sobre os diferentes critérios levados em conta na definição de livro – formato, partes constituintes, natureza tecnológica, finalidade, gênero de texto, volume, periodicidade, portabilidade e acesso público –, é possível constatar que se acomodam, em maior ou menor medida, em uma das regiões – material/discursiva – essenciais a esse objeto. Assim, no recenseamento feito por Ribeiro (2012), a definição de livro da UNESCO, a mais objetiva – “*Non-periodical printed publication of at least 49 pages, exclusive of the cover pages, published in the country and made available to the public*” (UNESCO, 1964)<sup>2</sup> –, é a que mais leva em conta critérios predominantemente situados na região material do *continuum*; ao passo que a definição de Arlindo Machado, a mais dilatada – “todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os voos de sua imaginação” (2011, p. 162) –, concentra-se principalmente nos elementos localizados na região discursiva (GONÇALVES, 2023, p. 3).

Periódicos, por sua vez, apresentam novas questões a se confrontar: a começar pela própria nebulosidade de expressões como “revista” ou “periódico”. De fato, apesar de a periodicidade ser comumente apontada como uma característica fundamental dessas publicações<sup>3</sup>, na prática, várias revistas literárias não seguiram um intervalo de tempo regular entre os lançamentos de cada número. Além disso, existem exemplos de revistas que sequer chegaram a lançar um segundo número<sup>4</sup>.

Retomando as considerações de Ribeiro (2012) sobre as diferentes definições de livro, vimos que, segundo os critérios mais institucionais, a periodicidade é o fator fundamental (ainda que, na prática, movediço) para distinguir livros e revistas. Por outro lado, uma definição mais abrangente, como a de Machado (2011, p. 162), poderia muito bem se aplicar também aos periódicos. De todo modo, apesar das similaridades, Bucksdricker (2018, p. 41) observa que a

<sup>2</sup> “Publicação não-periódica impressa de no mínimo 49 páginas, além da capa, publicada no país e disponibilizada ao público” (tradução nossa).

<sup>3</sup> É o que verificamos ao consultar os verbetes “revista” e “periódico” tanto no *Dicionário online Caldas Aulete* quanto na *Enciclopédia INTERCOM de comunicação*.

<sup>4</sup> A periodicidade irregular e a vida curta das revistas literárias, no Brasil e no exterior, estão geralmente atreladas a motivos econômicos – aspecto apontado em diversas obras consultadas (cf. LUDOVICO, 2012; KHOURI, 2004; PUNTONI; TITAN JR., 2014). Vale ressaltar, porém, que também há revistas concebidas, desde o início, para terem apenas um número, como a belo-horizontina *Nenhum*, de 1947, e a carioca *Navilouca*, de 1974.

# CIACT/SAD 09

dinâmica social por trás de livros e revistas nem sempre é a mesma, o que é evidenciado em dois aspectos: revistas têm uma temporalidade mais sincronizada com o ritmo da vida cotidiana, enquanto livros são “obras espaço-temporalmente acabadas. Geralmente, assinados por um único sujeito” (BUCKSDRICKER, 2018, p. 42). Esse segundo aspecto, embora também discutível, é crucial, pois evidencia o caráter coletivo das revistas, conforme recorrentemente destacado (cf. LEMINSKI, 2012; KHOURI, 2004; PUNTONI; TITAN JR, 2014).

## SOBRE VANGUARDAS E A (RE)DEFINIÇÃO DE OBJETOS EDITORIAIS

Para balizarmos a discussão conceitual a partir deste momento, valemo-nos do que expusemos em referido trabalho anterior, cujo ponto de partida intersecciona o do presente estudo:

Convém, agora, estabelecer pontos de apoio que nos permitam situar também a noção de “vanguarda”. Recorreremos, para tanto, a reflexões tecidas por alguns dos próprios membros desses movimentos, bem como por críticos e teóricos a eles externos. Este procedimento de intercalação dialética visa, ao mesmo tempo, salientar, do lado interno, a perspectiva utópica de reinvenção da realidade por meio de um “fenômeno histórico e concreto, que se supera continuamente, num **constante devenir**” (SÁ, 1970, p. XIII); e, do lado externo, “as **invariantes** reveladas pela comparação dos diferentes universos tratados como ‘casos particulares do possível’” (BOURDIEU, 1989, p. 66, grifo nosso) (GONÇALVES, 2023, p. 3).

Assim, passando a palavra para outros observadores externos dos fenômenos em questão, vale a pena delimitar o terreno que investigaremos a partir das coordenadas esquemáticas de Marília Andrés Ribeiro, que, em estudo iniciado pela proposta de distinção entre as noções correlatas de “moderno”, “modernidade”, “modernismo” e “vanguardas”, assinala:

[...] existe uma diferença conceitual entre o modernismo e a vanguarda, sendo o primeiro um conceito amplo que engloba a vanguarda, portanto, esta deve ser pensada dentro do quadro de uma sociedade moderna, inserida no contexto de modernização cultural, política e econômica. A vanguarda é uma **função** possível da modernidade do século XX [...]” (RIBEIRO, M. A., 2007, p. 118, grifo nosso).

A autora também resume as características gerais das vanguardas:

# CIACT/SAD 09

[...] possuem o caráter militante, revolucionário e utópico, acreditando que a arte tem a missão de construir um novo homem, um novo mundo e uma nova ordem social; usam palavras de ordem, manifestos, estratégias de choque e produção de eventos provocativos; articulam-se como um grupo de artistas em torno de um líder intelectual, visando à realização de ações que integram as várias manifestações artísticas; questionam a instituição artística burguesa, o circuito artístico e as categorias da obra de arte, rompendo a distância entre a arte e a vida (RIBEIRO, M. A., 2007, p. 118).

Estabelecidos esses critérios, convém introduzir na discussão as reflexões de alguns dos expoentes das vanguardas brasileiras. Metodologicamente, optamos por acionar as considerações de autores dentre os mais engajados no projeto de ruptura vanguardista, pois acreditamos que o estabelecimento de parâmetros radicais permite que eventuais relativizações desses critérios sejam mais judiciosamente balizadas. Assim, valemo-nos das considerações de Moacyr Cirne – um dos fundadores do poema/processo e também semiótico –, cuja radicalidade se manifesta, de saída, por sua opção pela denominação de “vanguardas (anti)literárias”:

Por certo, toda arte merecedora de atenções volta-se continuamente para a violentação, mas o que caracteriza a vanguarda – chamemo-la de des/ordem literária ou de (anti)literatura – é o se voltar radicalmente para a transgressão dos códigos estabelecidos pela literalidade. Quando o radical atinge uma nova dimensão social, questiona-se a própria (anti)literatura: é o caso do poema/processo, que até mesmo gráfico-visualiza determinados procedimentos verbais (CIRNE, 1975, p. 15).

Ora, dado que a consagração do livro enquanto suporte fundamental da literatura está relacionada ao processo histórico de crescente autonomização dessa arte<sup>5</sup>, é compreensível que as vanguardas tenham se esforçado por (re)definir esse objeto (CIRNE, 1975, p. 31). Esse impulso é acompanhado da demanda por um novo conjunto de termos que pudesse refletir as atualizações do conceito de livro, e algumas noções decorrentes desse processo, em ordem crescente de

---

<sup>5</sup> Servimo-nos, aqui, da noção de **autonomia** segundo a “ciência das obras” de Bourdieu (1996, p. 273): “A evolução do campo de produção cultural para uma autonomia maior acompanha-se, assim, de um movimento para uma maior **reflexividade**, que conduz cada um dos ‘gêneros’ a uma espécie de volta crítica sobre si, sobre seu próprio princípio, seus próprios pressupostos [...]”. Conforme discutimos em Gonçalves (2023), Roger Chartier (2010, p. 20) observa esse fenômeno quando aponta a importância, para a consolidação da noção moderna de literatura, do procedimento estético frequente no Século de Ouro Espanhol de se inserir na própria matéria da ficção os objetos e práticas do escrito e da leitura.

# CIACT/SAD 09

radicalidade, são: a poesia-livro, o poema-livro, o livro-poema e o não-livro (cf. CIRNE, 1975; SÁ; CIRNE, 1977; GONÇALVES, 2023).

Como se pode constatar, muitos são os parâmetros passíveis de se considerar na definição de livro, e também várias são as classificações e subclassificações elaboradas para abarcarem obras que desviam, em maior ou menor grau, das convenções instituídas para circunscrever esse objeto editorial. As diferentes categorizações, elaboradas tanto por artistas, quanto por estudiosos, respondem a demandas e impulsos tanto estéticos, como éticos, políticos e socioculturais. Brandão (2021, p. 26), ao se debruçar sobre a reflexão de autores como Amir Brito Cadôr, Paulo Silveira, Ulisses Carrión, dentre outros, recenseia algumas dessas terminologias – como **livros de artista**, **livros experimentais** ou **livros-objeto** –, as quais podem ser abarcadas pelo conceito mais generalizante de **livros expandidos**. Este último é o termo que elegemos para orientar a presente reflexão, justamente por concordarmos com a observação de Brandão (2021, p. 28) segundo a qual levar “em conta tal ampla abertura de conceituação, pela qual os limites do conceito são tangenciados e colocados à prova, é sem dúvida uma vereda investigativa promissora”. E é precisamente ao levarmos em conta as já discutidas similaridades, sobretudo materiais, entre livros e periódicos – sem, ao mesmo tempo, desconsiderar suas especificidades –, que julgamos adequado também falar em **periódicos expandidos**, uma vez que o mencionado impulso vanguardista de transgressão dos códigos, como era de se esperar, também atingiria esses objetos editoriais tão caros à experiência das vanguardas<sup>6</sup>.

## *CORPUS*

O presente estudo se ampara em trabalho anterior (GONÇALVES, 2022), cujo objeto era a

---

<sup>6</sup> Os periódicos, por sua natureza efêmera e sincrônica, compartilham o senso de urgência das vanguardas. Esse fator, combinado com sua natureza coletiva, contribui para – evocando Benjamin (2012, 1987) – tensionar a primazia da aura e reorganizar funcionalmente o papel do leitor, conforme observado por Jorge Schwartz: “É justamente nas revistas de vanguarda que as propostas culturais podem ser percebidas com maior clareza. Devido ao seu essencial caráter contestatório, seja nas artes, seja nas questões sociais, elas mantêm uma relação pragmática com o público leitor, empregando uma linguagem mais direta que o discurso estritamente literário, e possuindo um *status* muito menos ‘aurático’ (para usar o conceito benjaminiano) que a poesia ou a prosa de ficção. Há nelas um forte sentido de oposição que não passa pela censura ou pelo crivo da grande imprensa” (SCHWARTZ, 2008, p. 54).

# CIACT/SAD 09

edição de periódicos literários de vanguarda em Minas Gerais. Naquele momento, delineamos um percurso argumentativo que partiu do mais geral em direção ao mais específico para, então, ampliar-se sobre a especificidade. Assim, compusemos um panorama da edição de periódicos literários de vanguarda no exterior, no Brasil em geral e, em seguida, em Minas Gerais, para, finalmente, chegarmos ao núcleo de nosso trabalho, em que analisamos uma seleção de onze periódicos mineiros de vanguarda, escolhidos em função de sua importância histórica e/ou da singularidade de sua proposta editorial. Foram eles: *A Revista* (Belo Horizonte, 1925–1926), *Electrica* (Itanhandu, 1927–1929), *Verde* (Cataguases, 1927–1928), *leite crioulo* (Belo Horizonte, 1929), *Tendência* (Belo Horizonte, 1957–1962), *Ptyx* (Belo Horizonte, 1963–1964), *Vereda* (Belo Horizonte, 1964–1966), *Primeiro caderno mostra* (Oliveira, 1965), *reVIXta* (Oliveira, 1965), *Totem* (Cataguases, 1974–1980) e *I* (Belo Horizonte, 1977).

Desses periódicos, abordaremos, aqui, aqueles que, além de apresentarem experimentalismo verbal/visual por meio do projeto gráfico e diagramação, tenham seus próprios constituintes materiais (como o papel e seu respectivo acabamento) tratados experimentalmente. Nesse sentido, destacamos *Vereda* e *Primeiro Caderno Mostra*.

## VEREDA

O núcleo de *Vereda: Mostra de Poesia*, periódico belo-horizontino, consistia em Libério Neves, Henry Corrêa de Araújo, Ubirásçu Carneiro da Cunha e Elmo de Abreu Rosa. Eles conheceram o poeta Affonso Ávila no início dos anos 1960, quando começaram a colaborar no Suplemento Dominical do *Estado de Minas*, do qual Ávila era o editor de arte. Também participaram da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, igualmente organizada por Ávila, em 1963, expondo poemas-cartazes.

A experiência nesse evento impulsionou os poetas de *Vereda*. Além disso, a forma de cartaz adotada para a Semana foi determinante para a definição do projeto gráfico-poético de *Vereda*, que abandonava a encadernação em códice em favor de um periódico desdobrável. A esse respeito, comentou Ubirásçu Carneiro da Cunha:

# CIACT/SAD 09

Em busca de maior comunicação com todos estratos sociais, utilizando, para isso, como principal veículo, o intercâmbio entre o produtor e o próprio povo, pretendemos, nós de VEREDA, continuar no campo da busca, inserindo novas técnicas e todos meios possíveis de comunicação. Com esse pensamento, fabricando poemas-cartazes para exposições em vitrines e televisão ou em formato de pequenos panfletos, como [...] a apresentação da MOSTRA DE POESIA DE VEREDA, com a possibilidade de oralização em futuras composições, a fim de que possamos livrar a poesia da posição antipática que ocupa ante o público [...] (CUNHA, 1964, p. 444, tradução nossa).

Assim, em setembro de 1964 foi publicado o primeiro número de *Vereda*. O segundo número foi publicado em setembro do ano seguinte e, o terceiro e último, em setembro de 1966. O periódico alcançou boa repercussão, o que não impediu, no entanto, que seu grupo de editores começasse a se dispersar (NEVES, 2013).

Em relação aos aspectos materiais, *Vereda* não era encadernado. Na realidade, seu conteúdo era impresso na frente e verso de uma única folha de 66 × 41 cm, cujo acabamento era dobrado, à maneira de um *folder*. Assim, apesar de não se poder falar propriamente em páginas, cada segmento do periódico acabava por exercer a função de página – embora de maneira bastante livre. *Vereda*, ao ser desdobrado, apresentava, tanto na frente quanto no verso, 12 segmentos de 11 × 20,5 cm: seis na metade superior da folha, e seis na metade inferior.

Quanto à diagramação, a maior parte dos poemas de *Vereda* se servia de uma configuração na qual a espacialização dos versos, entre outros recursos tipográficos (uso de itálico, alternância personalizada entre maiúsculas e minúsculas etc.), era ativa e estrutural em relação ao projeto poético em si, além de, em certos casos, conferir algum grau de figuração pictórica aos versos.

Programaticamente, *Vereda* adotava uma posição assumidamente vanguardista, defendida a partir da conjugação de rigor formal, engajamento, consciência nacional e projeção universal.

## PRIMEIRO CADERNO MOSTRA

Em 1963, em Oliveira, no oeste de Minas Gerais, Márcio Almeida, Hugo Pontes, Márcio Vicente Silveira dos Santos e Waldemar Oliveira formaram o Grupo VIX, inspirados por *Vereda* – uma das primeiras publicações de vanguarda à qual tiveram acesso (ALMEIDA, 1969, p. 2). Em

# CIACT/SAD 09

1964, publicaram a folha mimeografada *Oco Informação*, com poemas de Márcio Almeida. Em 1965, mais experientes, lançaram *Primeiro Caderno Mostra* e *reVIXta*, já com poemas de todos integrantes.

Paralelamente à atividade de VIX, Márcio Almeida fundou o grupo Frente em 1965. De caráter mais multidisciplinar, e também com abertura a um número maior de participantes, o Grupo Frente editaria uma revista homônima, da qual saíram três números entre 1965 e 1968.

Após intensa atividade tanto no interior de Minas quanto na capital, o Grupo VIX se desfez em 1967. Já Frente, por volta do fim dessa década, com a dispersão de parte importante do grupo, também se dissolveu (BILHARINHO [Org.], 2018, v. 1, p. 117-194).

Das publicações do Grupo VIX, a que aqui nos interessa de perto é *Primeiro Caderno Mostra*: a começar pela capa, criada por Márcio Almeida (ANDRADE, J. C., 2018, v. 1, p. 132), quem, de acordo com Leite (1965), também teria sido o responsável pela diagramação. Ocupando, na realidade, a quarta capa da publicação, a capa de *Primeiro Caderno Mostra* é constituída de uma espécie de manifesto poético apresentado na forma de diagrama, escrito em latim. À esquerda da composição, encontramos a orelha do caderno, que, quando fechada sobre o diagrama, permite que visualizemos, com algumas exceções (como o nome do grupo, em corpo maior), apenas as letras “X”. Ao se abrir a orelha, o restante da composição é revelado, bem como a dedicatória ao poeta e crítico Octávio Dias Leite, incentivador do grupo oliveirense (ALMEIDA, 1986).

*Primeiro Caderno Mostra*, cujo formato era de 10,5 × 24 cm, exibia poemas para os quais a diagramação se servia ativamente de uma espacialização consequente e personalizada, definida caso a caso em função das necessidades comunicacionais e particularidades semânticas de cada texto. Predominava o uso de minúsculas – nos títulos e nos textos –, e quando as maiúsculas eram utilizadas, era geralmente para acionar um novo nível de leitura sobreposto à mesma peça. Frequentemente, as palavras dos poemas eram quebradas dinamicamente em sílabas. Por vezes, esse recurso era atomizado, e o que se quebravam no espaço da página eram as letras individuais, ou mesmo sinais de pontuação, num procedimento que remetia à poesia de e. e. cummings e também à diagramação dos poemas de *Vereda*.

Em relação ao programa editorial, em *Primeiro Caderno Mostra* combatia-se o

# CIACT/SAD 09

provincianismo e a estagnação a partir da proposta dos “ocopoemas”. Estes, vinculados à ocorrência – dado atual –, eram concebidos e executados a partir da disposição e impulsos individuais, aliados a pesquisas, levantamentos e contatos por parte do poeta de vanguarda.

## ANÁLISE CRUZADA

Em Gonçalves (2022), ao compararmos de maneira cruzada os diversos aspectos editoriais levados em conta na análise dos periódicos selecionados, ressaltamos como *Vereda* e *Primeiro Caderno Mostra* se encaixavam em duas das subclassificações que propusemos para caracterizar o projeto tipo/gráfico das publicações escrutinadas:

**Espaciais:** se poemas nos quais o recuo dos versos era tratado de forma diferenciada já estavam presentes em *A Revista* e nos demais periódicos dos anos 1920 analisados, de *Tendência* em diante eles não só se tornariam mais frequentes, como a espacialização se tornaria mais radical – constituindo, como em *Vereda*, *Primeiro Caderno Mostra* e *reVIXta*, mais regra do que exceção. [...]

**Materiais:** mais do que o experimentalismo verbal e/ou visual concretizado nos trabalhos por meio gráfico, esta categoria abrange periódicos cujos próprios constituintes materiais (como o papel e seu respectivo acabamento) são explorados de maneira experimental ou pouco convencional. Incluem-se, aqui, *Vereda*, cuja materialidade, em consonância com a pesquisa de seu grupo idealizador por novas técnicas e meios de comunicação, procura abandonar resquícios livrescos para adentrar em terreno mais próximo da vitrine ou do cartaz (CUNHA, 1964, p 444); e também *Primeiro Caderno Mostra*, a partir do jogo de ocultamento/revelação que se desencadeia na composição da capa ao ser manipulada a orelha. (GONÇALVES, 2022, p. 387-388)

Percebe-se, assim, que em relação aos aspectos mais diretamente materiais dessas publicações, *Vereda* e *Primeiro Caderno Mostra* se distinguem dos demais periódicos analisados. Em *Vereda*, não só ocorre a preocupação concretista, no âmbito dos próprios poemas, de se trabalhar o “espaço gráfico como agente estrutural” (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, p. 156), como o periódico em sua materialidade, ao se desdobrar em cartaz, clama pela superação do espaço virtual livresco – cuja sucessão de páginas apresenta desenvolvimento “temporístico-linear” (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, p. 156) – em prol de **outra**

# CIACT/SAD 09

**topografia**<sup>7</sup>: o espaço público real. Além disso, *Vereda*, dos periódicos literários mineiros que estudamos (GONÇALVES, 2022), ao se apresentar como cartaz desdobrável, é o único a ativar esse recurso relativamente comum nas publicações vanguardistas latino-americanas dos anos 1920, como as argentinas *Prisma* e *Proa*, a mexicana *Actual* e as peruanas *trampolín*, *hangar*, *rascacielos* e *timonel*.

Já em *Primeiro Caderno Mostra*, a partir da modificação desencadeada na composição da capa pela manipulação da orelha, aproximamo-nos de princípio que, pouco tempo, depois teria função nuclear na teoria do poema/processo: “A transformação, o movimento ou a participação é que levam a estrutura (matriz) à condição de processo” (SÁ, 2017, p. 98). Ou seja, o teor poético dessa composição não reside em sua contemplação/leitura estática: é no “ato do participante/criativo é que o poema se resolve” (SÁ, 2017, p. 98). Assim, não surpreende que dois dos integrantes do Grupo VIX, Márcio Almeida e Hugo Pontes, tenham atuado tão proficuamente em duas importantes frentes de confluência do poema/processo a partir dos anos 1970: a poesia visual e a Arte Postal (PONTES, 2007; ALMEIDA, 1986; RIBEIRO FILHO, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que pudemos argumentar, e à luz dos exemplos discutidos, acreditamos que, justamente por se tratarem de objetos editoriais menos “auráticos” (cf. BENJAMIN, 2012; SÁ, 1977; SCHWARTZ, 2008) – em grande parte devido ao seu caráter mais explicitamente coletivo, inclusive no que diz respeito ao convite à interação menos contemplativa por parte do leitor – e sobre os quais o peso da tradição quanto à sua feitura, em comparação com os livros, recai menos fortemente, periódicos são especialmente propensos a gestos que visam expandi-los – sejam esses de ordem predominantemente material, discursiva ou híbrida.

---

<sup>7</sup> Conforme expusemos em Gonçalves (2022), a opção por esta expressão é inspirada no seminal manifesto de El Lissitzky intitulado “Topografia da tipografia”, publicado em 1923 na revista alemã *Merz* (LISSITZKY, 2010, p. 24). Nesse texto, Lissitzky especula sobre as novas características daquilo que ele definia como “o espaço do livro” – características que constituiriam uma ruptura definitiva com as antigas convenções. Em homenagem à visão pioneira do artista russo, denominamos “outras topografias” aquelas propostas poéticas cujo “voo imaginativo” (MACHADO, 2011) extrapola o espaço da página tradicional.

# CIACT/SAD 09

No caso de *Vereda* e *Primeiro Caderno Mostra*, quando confrontados com os demais periódicos analisados na pesquisa da qual o presente estudo se ramifica (GONÇALVES, 2022), é flagrante como a publicação belo-horizontina e a oliveirense se distanciam, de maneira mais pronunciada, de convenções livrescas relativas à materialidade: no caso de *Vereda*, principalmente, pelo abandono do formato de códice<sup>8</sup> em prol do ideal de, literalmente, “ganhar as ruas” como cartaz; e no de *Primeiro Caderno Mostra* – apesar deste não descartar o princípio do códice –, por inverter índices materiais/discursivos (afinal, a “capa” ocupa, na realidade, a quarta capa), além de potencializar as tensões desses mesmos índices ao conclamar o leitor a intervir diretamente na configuração verbivisual.

Por fim, também em Gonçalves (2022), ao levarmos em conta as considerações retrospectivas sobre a aventura modernista e das vanguardas no decorrer do século XX, feitas por Campos (1993), Subirats (1986) e Habermas (1992), argumentamos que esses autores, a despeito de divergirem em alguns aspectos, convergem em outros essenciais, sobretudo quanto à problematização acerca da relação dialética pela qual o presente, ao confrontar o passado, (se) projeta (n)o futuro. Ora, considerando a estreita relação dos periódicos com o tempo em que vêm ao mundo, acreditamos que se tratam de objetos editoriais propícios não só para refletirmos sobre essas questões, mas também para agirmos ativamente na realidade presente, transformando-a.

Agir sobre a realidade em que estavam inseridos era, explicitamente, um dos desejos motivadores dos poetas de *Vereda* e do Grupo Vix – e o fato de não terem apenas se contentado em anunciá-lo, mas de terem procurado também concretizá-lo a partir de aspectos de sua própria prática editorial, a nosso ver, potencializa consideravelmente a empreitada que levaram a cabo. Hoje, já sessenta anos distantes da aparição dessas publicações, e com uma paisagem midiática significativamente mais complexa, inclusive quanto aos rumos recentes que vem tomando a apropriação dos meios digitais de comunicação de massa por parte de certos desígnios políticos, acreditamos que, com as devidas atualizações, o espírito de expandir os objetos editoriais em

---

<sup>8</sup> Cumpre ressaltar, no entanto, que, ainda que em sentido diverso do discutido neste momento, dos periódicos analisados em Gonçalves (2022), *leite crioulo* e *Totem* (este em sua segunda e principal fase) também não adotam o acabamento em códice, uma vez que assumiram o formato de jornal, com seu acabamento dobrado característico, além do uso do tipo de papel recorrente nesse gênero de publicação.

# CIACT/SAD 09

geral, e periódicos em particular, para além das práticas e aparências, tantas vezes opacas, que os regulam, pode constituir passo decisivo para que os profissionais da edição, em toda sua diversidade, inscrevam seu trabalho – e a si próprios – em verdadeira práxis social, não se podendo mais separar tais agentes de suas ações e tampouco do produto delas, uma vez que todos se afetam e se transformam qualitativamente nesse processo que, esperamos, resultará em uma sociedade mais justa, digna e legítima para os trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Márcio. Literatura em Oliveira de 1961 à atualidade. *Gazeta de Minas*, Oliveira, v. [?], n. [?], p. [?], 2 nov. 1986.
- ALMEIDA, Márcio. O grupo Vix. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 4, n. 125, p. 2, jan. 1969.
- ANDRADE, João Carlos de. A pequena história de um grupo de vanguarda. In: BILHARINHO, Guido (Org.). *Movimentos poéticos do interior de Minas Gerais*. Uberaba: Revista Dimensão Edições, 2018. v. 1, p. 130-133.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter et al. *Benjamin e a obra de arte*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 11-42.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 120-136.
- BILHARINHO, Guido (Org.). *Movimentos poéticos do interior de Minas Gerais*. Uberaba: Revista Dimensão Edições, 2018. 3 v.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil; Difel, 1989.
- BRANDÃO, Luis Alberto. Obra e livro: apontamentos para um debate conceitual. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 13-34, 2021.
- BUCKSDRICKER, Jorge Alberto Silva. A revista como prática artística nos anos 1970: um debate. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 30, p. 36-52, 2018.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio (Org.). *Teoria da poesia concreta*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de. Reflexões após um trintênio. In: SANTA ROSA, Eleonora (Org.). *30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal; Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 36-45.
- CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.
- CIRNE, Moacy. *Vanguarda: um projeto semiológico*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CUNHA, Ubirasçu Carneiro da. Revisión//Vereda. *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, v. 3, n.

# CIACT/SAD 09

11, p. 441-446, dez. 1964.

ENCICLOPÉDIA INTERCOM de Comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

GONÇALVES, Mário Vinícius R. *A edição de periódicos literários de vanguarda em Minas Gerais*. 2022. 466 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <<https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=4494325&key=6606e453248cf28e5b330b0cd49a5262>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

GONÇALVES, Mário Vinícius R. O livro e as vanguardas (anti)literárias brasileiras: uma poética da refuncionalização. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. p. 1-15. Disponível em: <<https://zenodo.org/records/10436332>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

HABERMAS, Jürgen. Modernidade: um projeto inacabado. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KHOURI, Omar. *Revistas na era pós-verso*. Ateliê Editorial, 2004.

KINROSS, Robin. *Modern Typography*. 2. ed. Londres: Hyphen Press, 2004.

LISSITZKY, El. Topografia da tipografia. In: BIERUT, M; HELFAND, J.; HELLER, S.; POYNOR, R. (Org.). *Textos clássicos do design gráfico*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 24.

LUDOVICO, Alessandro. *Post-Digital Print: The Mutation of Publishing since 1894*. Eindhoven: Onomatopee 77, 2012.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 2011.

NEVES, Libério. [Sem título]. In: 50 ANOS: semana nacional de poesia de vanguarda. Belo Horizonte: 2013. Catálogo de exposição, Reitoria UFMG.

PONTES, Hugo. *Poemas visuais e poesias*. 2. ed. São Paulo: Dix Editorial, 2007.

PRIMEIRO CADERNO MOSTRA. Oliveira: v. 1, n. 1, abr. 1965.

PUNTONI, Pedro; TITAN JUNIOR, Samuel (Org.). *Revistas do modernismo 1922–1929*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. *Uma província com o selo da poesia: a trajetória do grupo literário “Totem”, de Cataguases e o experimentalismo das décadas de 1960 e 70*. 2006. 219 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 333-341, out./dez. 2012.

RIBEIRO, Marília Andrés. Modernismo brasileiro: arte e política. *ArtCultura*, v. 9, n. 14, p. 115-125, jan.-jun. 2007.

SÁ, Alvaro de; CIRNE, Moacy. A origem do livro-poema. In: SÁ, Alvaro de. *Vanguarda: produto de comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 91-100.

SÁ, Alvaro de. Problemática da vanguarda à guisa de prefácio. In: MENDONÇA, Antônio Sérgio. *Poesia de vanguarda no Brasil: de Oswald de Andrade ao concretismo e ao poema/processo*.

# CIACT/SAD 09

Petrópolis: Vozes, 1970. p. VII-XV.

SÁ, Neide Dias de. Propostas fundantes do poema processo. In: NÓBREGA, G. (Org.). *Poema processo: uma vanguarda semiológica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 98-99.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2008.

SUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1986.

UNESCO. Recommendation concerning the International Standardization of Statistics Relating to Book Production and Periodicals. 1964. Disponível em: <[http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL\\_ID=13068&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13068&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)>. Acesso em: 26 abr. 2024.

VEREDA. Belo Horizonte: 1964–1966. Anual.

## **Como citar este texto:**

GONÇALVES, Mário V. R. A expansão material em periódicos literários de vanguarda em Minas Gerais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 9, 2024, Belo Horizonte. *Anais do 9º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2024*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2024. ISSN: 2674-7847. p.1-15.